

que é a dialéctica?

por HENRY LEFEBVRE

11

Após ter defenido o outro-que-o-sêr, o mundo, a matéria, como queda do Sêr, o metafísico pode ainda proclamar o Sêr como agitação, perturbação do nada. O eterno metafísico, desiludido e ansioso, não hesita em proclamar que a sua inquietação é a do mundo, e que êle é Tudo na sua angústia. Schopenhauer coloca o abismo, o absurdo, a angústia como manancial do sêr; os sêres fundem-se na piedade e na destruição. Kierkegaard encarna-se em misturar as regras do jôgo, em confundir o possível e o impossível, o sêr e o nada, a reflexão e o absurdo. Todo o momento, todo o sêr é limitado e deve morrer para se libertar. É pela angústia, pela loucura, pelo absurdo, pelo escândalo, pela morte, que o sêr se liberta.

Para Heidegger, a angústia e o nada «realizam-se» anteriormente a toda a lógica; por êles atinge-se não só a libertação de toda a forma finita e a simples acuidade exaltante, mas recriam-se também todos os sêres; êles surgem, para o metafísico, do abismo — de dentro dêle. (1)

A libertação pelo nada não é também o significado da «voz subterrânea», o segrêdo do sado-masquismo dos «Possessos»? Freud, nas suas construções metapsicológicas, não apela, para explicar a vida psíquica, para um instinto do nada? (2) Não tentou Nietzsche todas as vertigens, não se lançou no abismo para o vencer, não quis êle dar ao pensamento o seu poder exaltante com o furor sagrado da destruição e proclamando depois por um decreto infinitamente arbitrário a grandeza da vida, mesmo má, e o pessimismo satisfeito, a dança e o riso acima do nada? A mortal pureza de Baudelaire, os encantamentos de Rimbaud, o super-realismo — tentativas de crear o Espírito com os antigos crimes contra o Espírito — não indicam poeticamente ligação entre a liberdade e a morte, entre o absurdo, o irracional, e toda a fascinação e todo o paroxismo? Metafísica, poesia, psicologia, parecem convergir demonstrativamente. O conhecimento superior, não empírico — parece não poder ser mais senão exploração do abismo...

Que resta então da antiga aventura e do apetite do sêr? Por uma contradição da ironia, êste grande amor da Substância parece não ter deixado mais do que um traço ligeiro bem diferente das suas ambições, uma estrutura dissecada: a lógica, teoria do necessário, forma da ciência, mas tão vã que se torna necessária a experiência hesitante para lhe dar um conteúdo, e surgem então as «ciências» (e não a Ciência) destruídas, dispersas, cheias de presupostos contestáveis. A lógica, prova da morte do sêr e da vida do não-sêr, tanto ela é vã, a lógica, o sêr, o real, eis os inimigos... A bivalência está na base da vida, acuidade e movimento da vida. O nada existe e o sêr é sêr para o nada (Heidegger). A consciência nasce do sofrimento e do desespero. A alegria é tristeza, o amor é ódio e o ódio amor. O amor da vida torna-se fascinação da morte. O optimismo é irrespirável, banal consciência (o «alguém» de Heidegger; ainda que seja já «inquieto»). Para a metafísica do nada (única metafísica actual; a filosofia oficial não passa de ecletismo ridículo, historicismo sem princípios, racionalismo e teologia abastardados) os conflitos da alma e do mundo são eternos, e sobretudo o grande e fecundo despedaçar, o conflito do sêr e do não sêr. A atitude clássica (redução dos conflitos), esta metafísica substitui uma atitude antinómica: os conflitos não têm solução.

Que devo pensar se, procurando uma doutrina viva e exaltante, e recusando certas formas da vida (a família, os prazeres, o poderio, tais que eu as tenha podido viver), eu não pensar que a recusa sucessiva ou global de todas as formas é a única liberdade? Que devo pensar se, encontrando-me em face dum mundo dissolvido, quizer uma imagem da totalidade? E se, não somente por bondade, vitalidade, humanidade (noções suspeitas para a metafísica do nada), mas espontaneamente e porque eu sou assim, eu não vir na angústia, no sado-masquismo, no narcisismo, exaltações e paroxismos? — se eu guardar apetite do sêr, do conhecimento e do real? Será ainda possível colocar em termos que não estejam depreciados o problema do sêr humano?

Hegel não descobriu o negativo, as contradições e os conflitos. O «momento dialéctico», a atitude do todo o pensamento que tendo tomado uma posição que êle quis definitiva se vê obrigado a abandoná-la, a ter em conta outra coisa (segundo termo, antítese) e a negar o seu ponto de partida, êsse momento encontra-se em todas as metafísicas. O golpe de génio de Hegel foi a descoberta do terceiro termo («momento especulativo» na terminologia hegeliana) que nem é um nem outro dos dois primeiros termos, nem a oscilação dum ao outro e a confusão, nem a sua oposição, mas o movimento que os engendra, os atravessa e os sobrepassa (síntese). O próprio hegelianismo nos aparece como o terceiro termo, que escapa à necessidade de escolher entre a metafísica do sêr e a do nada — que sobrepassa êste conflito explicando-o.

O Nada absoluto, o abismo, o nada do desespero sempre recommençado, não existe. A sua representação mental não é mais do que abstenção, um nada de pensamento. A vontade, o próprio desejo despedaçado e atormentado («Sehnsueht», «Qual», na Fenomenologia) continua sendo desejo do sêr. Contudo o nada existe, mas *relativamente*, no próprio sêr, como fim, limite, transição, relação, mediação — como outra coisa. (1) A sua representação não é mais do que a representação do sêr em geral, isolado e «em si», de que se apercebe bem depressa a insuficiência e o vazio — o nada. A negação e a diferença são outras que a afirmação e a identidade mas não o são senão por elas e nelas. O Sêr não é e o não Sêr é, um no outro e um pelo outro. No pensamento como na realidade, êles passam um no outro, põem-se em movimento, entram no *devenir*, que é o terceiro termo, que é o fim do que é, aparição do que não é mas é possível, virtual, nascendo no limite do sêr. (2)

A negação é então, pela afirmação posta inicial — e imediatamente, o começo de determinações novas, e não um puro e simples aniquilamento. A negação é creadora, «raiz do movimento (Hegel), pulsação da vida (W. I. U.); a dife-

(1) — Wiss. des Log. p. 81. «Não existe nada no céu e na terra que não contenha em si os dois, o sêr e o nada.» Cf. também p. 59 e seguintes; p. 68. — Notas de W. I. U. (Caderno sobre a dialéctica, Leninski Sbornik, t. XI): «O começo contém o nada e o sêr».

(2) — «Hegel analisa as noções que pareciam mortas e mostra velar o movimento «fundo». Então *movendo-se* para o fim! «Alguuma coisa», então não outra coisa! «Ser em geral». Então tem indeterminado que o ser o não sêr. Universal elasticidade dos conceitos que conduz à unidade dos contrários. Eis o essencial. Esta elasticidade vista subjectivamente: ecletismo, sofística. Vista objectivamente, ou seja, refletindo a universalidade do processo material e a sua unidade, é a dialéctica, verdadeiro reflexo do desenvolvimento eterno do universo».

(continua na página imediata)

(1) — Cf. «Sein und Zeit».

(2) — «Para além do princípio do prazer», nos «Cinco Ensaios».